

FONTE : Folha de Paulo

CLASS. : GAMR0194

DATA : 15.10.78

PG. : _____

^{RSP 15/10/78} Em busca de ouro e diamantes

Chafurdando na lama anos a fio à procura de diamantes ou percorrendo incansavelmente os garimpos de ouro, o homem da Amazônia, este brasileiro esquecido, assiste também aí, nos garimpos, ao futuro escapar-lhe pelos dedos, confortado, talvez, pela ilusão sempre presente de um futuro melhor.

A duas horas de Itupiranga, pequena cidade prensada entre a Transamazônica e o rio Tocantins, descendo o rio, no lugarejo de Tauri, dezenas de homens (já foram milhares) envelhecidos pelo sol causticante enterram suas unhas na lama à procura de diamantes. Tem garimpeiro por lá que já está há 30 anos nesta vida, acampado e protegidos por rústicas coberturas de palha, parando de peneirar a terra apenas para um rápido feijão com farinha. E eles passam meses sem ir à cidade. Não desistem; talvez nem possam mesmo desistir, porque ali convivem com a esperança de um dia achar "uma pedrona".

"Se Deus ajudar, acho logo uma pedrona", diz Antonio Conceição que naquele dia completava seis dias de garimpo. Trabalha de sol a sol e foi para lá "porque o pessoal sempre fala do diamante e não custa a gente vir aventurar".

Francisco Rufino, entretanto, perdeu a esperança, desfez a ilusão. Depois de 35 anos abandonou o garimpo e hoje é funcionário da Funai. Na realidade, ele parou de garimpar, porque vez por outra, sempre que pode, dá um pulo por lá, para visitar os amigos.

"Quando descobriram este garimpo em 1940 a gente tirava diamantes com balde — conta; era tanta gente, que depois de 46 a pedra começou a rarear, nunca como agora; o pessoal foi desistindo e procurando depois trabalho na Transamazônica."

E pelo que Rufino conta, aqueles tempos "era só pra macho". Diz que eram obrigados a garimpar com proteção armada:

"Os índios gaviões atacavam sempre, porque eram provocados lá na mata pelos colhedores de castanhas; vez por outra (ele ri muito quando conta) era caboclo saindo da mata gritando por socorro e um punhado de índios atrás dele; morreu muito garimpeiro e muito índio naqueles tempos."

Hoje não tem mais índios e a natureza, talvez vingativa, retirou também os diamantes da terra. Nonato da Silva, muito quieto e observador, foi quem achou o maior diamante este ano: 2,5 quilates e vendeu por 12 mil cruzeiros, em Marabá.

Ele foi vender a pedra na cidade

porque não acreditou no preço do comprador Derócio Paulo, que anda por aquelas bandas de calção, relógio e segurando com firmeza a sua pastinha "007". Enquanto examina o diamante que José Graciliano Perez encontrou, alguns garimpeiros rodelam o "falsaqueiro" (comprador). Tiram muitas brincadeiras com ele e escancararam, com suas risadas barulhentas, a boca quase sem dentes. Examina daqui, examina dali, o "falsaqueiro" dá o preço: quatro mil cruzeiros. A resposta é imediata: uma gargalhada de todos eles. O proprietário da pedra pisca para um companheiro:

"Não... hoje ele vai pagar mais". Seu Graciliano vendeu o seu diamante por quatro mil cruzeiros. Não adianta ir à cidade: o preço é o mesmo.

"É COMO UM MICROBIO"

Se alguém quiser assistir uma briga apenas de tapas, perde o seu tempo indo a um garimpo de ouro. Lá, as coisas se resolvem na base do tiro e se "morreu; ninguém sabe, ninguém viu". Esta é a lei do garimpo do ouro (são mais de 130, na região de Itaituba, cidade da Transamazônica), onde tudo "vale o peso de ouro", como se diz nas capitais (um litro de pinga custa 400 cruzeiros e do pior uísque, 600).

A cidade de Itaituba recebe, por mês, cerca de 400 quilos de ouro vindos do garimpo (o preço do quilo está em torno de 140 mil cruzeiros) "exportando" toda a produção para o sul.

João Maria Wanzeller, que frequenta garimpos há 15 anos, já retirou da terra, até hoje, cerca de 420 quilos (equivalente a quase seis milhões de cruzeiros) e diz que não conseguiu sair da região, "porque o ouro é como um microbio que entra no sangue e não larga mais". Investiu esse ouro ganho em outros garimpos e perdeu praticamente tudo. Chegou a ter quatro mil empregados, trabalhando nas rochas à procura do ouro (estima-se que trabalham hoje nos garimpos 25 mil pessoas). Sobrou-lhe "apenas" um monomotor, aliás o único transporte para os garimpos.

Esses pilotos ganham em média 100 mil cruzeiros por mês e sorriem, como Padilha, quando informam que um comandante de Boeing ganha "perto de 70 mil cruzeiros". "Brutos", complementa. Padilha conta que de vez em quando é uma dessas dezenas de aviões caindo por cima das árvores, aterrissando em estradas, "mas vale a pena". E ele retira do bolso um pacotinho que embrulha 23 gramas de ouro, o equivalente a Cr\$ 3.220,00. É o preço de uma passagem ao garimpo.